

Cadernos *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 174 | Volume 20 | 2023

**Pensar a transformação missionária da Igreja  
a partir dos “fiéis não tão praticantes...”**

Valérie Le Chevalier

# Cadernos *Teologia Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 174 | Volume 20 | 2023

## **Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...”**

**Valérie Le Chevalier**

Teóloga e Diretora do ciclo de formação

Croire & Comprendre - Centre Sèvres - França

Tradução de André Langer - Cepat



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 174 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Imagem da capa:** PxHere

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editores:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Tradução:** André Langer

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil



# Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...”

Valérie Le Chevalier

Teóloga e Diretora do ciclo de formação  
Croire & Comprendre - Centre Sèvres – França

## INTRODUÇÃO: A IGREJA DA FRANÇA COMO LABORATÓRIO MISSIONÁRIO

A França, pela sua história, pode ser considerada um laboratório do mundo religioso.<sup>1</sup> O que aí acontece pode muito bem anunciar fenômenos que poderão acontecer futuramente em outros lugares... Este país já não é predominantemente católico e os praticantes – de todas as confissões – representam uma parte muito pequena dos afiliados. No entanto, do lado católico, a maioria permanece apegada a uma certa prática dos ritos de passagem, o que não é isento de problemas

---

<sup>1</sup> Esta conferência retoma os elementos desenvolvidos em: CHEVALIER, Valérie Le. *Ces fidèles qui ne pratiquent pas assez... Quelle place dans l'Église?* 2. ed. Paris: Lessius, 2019.

para a própria Igreja, que muitas vezes vê isso como um problema e não como uma boa notícia. São estas demandas de cristãos “*hors-pistes*”,<sup>2</sup> “consumidores do sagrado”, católicos “sociológicos” ou “folclóricos”, tão sérias a ponto de merecerem um investimento pastoral provavelmente sem benefício em nível comunitário? Por que estes “maus” crentes aos nossos olhos persistem em bater às portas das nossas igrejas quando a sociedade civil lhes oferece um supermercado de ritos que poderiam muito bem substituir os “nossos”?!

A minha pesquisa consiste em considerar a ausência e o silêncio destes cristãos um lugar teológico de pleno direito: através do seu batismo eles são e permanecem fiéis a Cristo de acordo com o Código de Direito Canônico e este título de “fiéis” não pode ser tirado deles e substituído pelas categorias da sociologia. Esta ciência tornou-se, apesar de tudo, um instrumento pastoral essencial, cujos efeitos colaterais devem ser avaliados. A tradição bíblica alerta contra os recenseamentos do povo de Deus...

Proponho uma apresentação em três etapas: compreender como o mandato de Jesus de ser “testemunhas da Boa Nova” foi substituído por esquemas sociológicos e pastorais centrados na missa; voltar ao Novo Testamento para ver as diferentes formas de seguir Jesus; e repensar teologicamente a transformação missionária.

---

2 BARBIER-BOUVET, Jean-François. *Les nouveaux aventuriers de la spiritualité. Enquête sur une soif d'aujourd'hui*. Montreal: Médiaspaul, 2015.

## A PASSAGEM DE “TESTEMUNHAS DA BOA NOVA” A PRATICANTES

O crente típico do cristianismo tem a sua própria história e é interessante procurar compreender como o apelo a ser testemunha da Boa Nova nos Evangelhos migrou para a participação na Eucaristia, que se tornou ela própria um dado estatístico.

### *OS DOIS MODELOS PRODUTIVOS CONCORRENTES: A TESTEMUNHA E DEPOIS O DISCÍPULO*

Durante o período que vai dos tempos apostólicos até a entrada na história cristã do imperador Constantino, vemos a coabitação de dois modelos produtivos cristãos: a testemunha (*martyr* em grego) e depois o discípulo, que o apologista Justino (século II) considerou como o cristão completo. Com o Edito de Milão (318), que trouxe uma certa paz, o testemunho foi fortemente relativizado a ponto de ser marginalizado. Torna-se “inútil” arriscar a vida pelo martírio, pelo “batismo de sangue”. A comunidade cristã organiza-se em torno do seu *presbyterum*, que aos poucos se torna sacerdotal. Diante desta hierarquização presbiteral da comunidade, alguns leigos escolherão uma vida em comunidade externa e independente: o caminho monástico.<sup>3</sup> Mas, como explica muito bem J.-B. Metz,<sup>4</sup> as astúcias da história eclesial alcançarão este caminho na sua reintegração na estrutura hierárquica, especialmente através da sacerdotalização de vários monges e religiosos. É assim que monges, religiosos e clérigos se tor-

3 Ver FAIVRE, Alexandre. *Les laïcs aux origines de l'Église*. Paris: Le Centurion, 1984.

4 METZ, Jean-Baptiste. *Un temps pour les ordres religieux*. Paris: Cerf, 1981.

nam o modelo produtivo da Grande Igreja, que agora se pensa como uma comunidade de simples batizados agrupados sob o governo do bispo, do abade ou do sacerdote. As relações são necessariamente assimétricas e hierárquicas, entre mestre e discípulo ou pai e filhos.

A partir desse momento, a “perfeição evangélica”, baseada no mandato “sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste” (Mt 5,48), torna-se a norma cristã que só aqueles – e aquelas – que têm a vocação religiosa e sacerdotal são capazes de realizar. O caminho para entrar no Reino dos Céus divide-se em dois: o caminho comum (a simples obediência e a prática dos mandamentos) e o caminho especial (o compromisso radical com a vivência dos conselhos evangélicos: pobreza, castidade/celibato para o Reino e obediência), que leva à vida perfeita ou à perfeição evangélica. Este formato de dois caminhos ainda permanece relevante na tradição católica, quaisquer que sejam os metadisursos produzidos sobre a igual dignidade dos batizados. Mas vejamos como a categoria sociológica do “praticante” foi introduzida nos programas pastorais.

### *A IGREJA DA FRANÇA E A SOCIOLOGIA: QUANDO O MODELO PRODUTIVO SE TORNA UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE CIENTÍFICA*

No início do século XX, a Igreja encontrou muitas dificuldades para superar a entrada na modernidade e a Primeira Guerra Mundial na Europa, e a industrialização dos territórios não ajudou em nada para isso. Na França, esta situação é agravada pela lei da separação de 1905. Os bispos franceses recorrerão à sociologia religiosa para fazer um diagnóstico científico da situação, a fim de implementar uma pastoral eficaz

e racional. Este é o programa que vai de 1946 a 1970 realizado por Gabriel Le Bras (1891-1970, canonista e assessor do episcopado) e Ferdinand Boulard (1898-1977, sacerdote), em sintonia com o trabalho teológico dos abades Godin e Daniel, *La France, pays de mission?*<sup>5</sup> Esta estratégia pastoral é observada de Roma e acolhida pelo Papa Pio XII, durante o seu discurso aos peregrinos franceses em Roma (1953, grifo meu):

Observamos entre os católicos da França, especialmente na Ação Católica, um esforço muito lúcido que chama a atenção do mundo. O progresso da sociologia é utilizado de maneira fecunda em áreas onde os seus dados são válidos; procuramos ver claramente *para agir com eficácia*.

A pesquisa diz respeito apenas aos leigos, cujo estatuto é fixado pelo Código de Direito Canônico de 1917. Le Bras desenvolve seus pressupostos em artigo publicado em 1931:<sup>6</sup>

A religião não se resume à prática [...] A prática ou a abstenção criam, portanto, uma simples *presunção de fé ou de descrença*. Mas devo, ao mesmo tempo que nego a equação: prática = crença, observar que as consciências estão fora do alcance do nosso olhar; só os sinais exteriores nos permitem *supor a adesão aos dogmas e à disciplina da Igreja*.

A fé dos fiéis leigos é analisada com base numa presunção, numa suposição, isto é, numa dúvida sis-  
5 GODIN, H.; DANIEL, Y. *La France, pays de mission?, "Rencontres"*. Paris: Ed. Du Cerf, 1943. Ver também CHENU, Alain. "Les enquêteurs du dimanche. Revisiter les statistiques françaises de pratique du catholicisme (1930-1980)". *Histoire & Mesure*, 2011, XXVI-2, p. 175-219.  
6 LE BRAS, Gabriel. "De l'état présent de la pratique religieuse en France". *Revue de Folklore Français*, 4, 1933, p. 193-206. O grifo é meu.

temática – o que é logicamente a característica de uma abordagem científica que só pode se basear em evidências verificáveis. Isto resulta então num sistema de medidas cujo objetivo é determinar a adesão de uma pessoa à Igreja unicamente através da adesão ao dogma e à disciplina. Somente os sinais exteriores considerados confiáveis permitem verificar e provar a presunção de fé. É assim que Le Bras define uma escala de práticas com cinco posições:

1. Os “afastados”.
2. Os “conformistas sazonais”.
3. Os “praticantes irregulares” que aparecem na igreja nas principais festas: Páscoa, Ascensão, Assunção, Dia de Todos os Santos, Natal e Domingo de Ramos. Eles são, em geral, pascalizantes.
4. Os “praticantes regulares”.
5. Os “devotos” que frequentam assiduamente, comungam com frequência, fazem parte de associações devocionais, cujo objetivo, segundo o Código de Direito Canônico de 1917, é “desenvolver uma vida cristã mais perfeita entre os seus membros, ou garantir a prática de algumas obras de piedade ou de caridade, ou, finalmente, o desenvolvimento do culto público”.

Esta pesquisa durou mais de 40 anos e entrevistou mais de 10 milhões de católicos franceses. As suas conclusões são profundas e ainda persistem no imaginário católico francês e nos hábitos pastorais. Podemos distinguir várias mudanças na vida destes católicos:

- A eucaristização absoluta da vida cristã: crer significa ir à missa, segundo o antigo ditado redescoberto pelo padre De Lubac: “A Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”. O batismo é relativizado a ponto de quase ser considerado um rito de iniciação menor.
- A Eucaristia torna-se um instrumento de medição para fins “científicos”.
- A recomposição territorial da paisagem eclesial centra-se, portanto, exclusivamente neste sacramento e, portanto, nos únicos que têm o poder de produzi-lo: os clérigos.
- Os clérigos tornam-se, assim, o centro do qual depende toda a vida comunitária.
- As devoções populares enquadram-se no campo do folclore religioso. Será preciso esperar o Papa Francisco para que sejam reabilitadas.
- Como a escala não “contabiliza” a vida de oração pessoal nem os compromissos, podemos considerar que esta pastoral, em busca de eficiência, favoreceu a privatização da crença e a sua desinstitucionalização.
- A valorização do apostolado dos leigos, graças à Ação Católica e à formação desenvolvida para formar “quadros” eclesiais. O termo leigo significa então militante integrado ou refere-se àquele que coopera com a organização hierárquica e a sua missão pastoral. Os demais, que não são nem clérigos, nem religiosos, nem... leigos, tornam-se naturalmente

não praticantes.

O Concílio Vaticano II, embora mantendo a distinção jurídica estabelecida pelo Decreto de Graciano (1142) – o leigo não é clérigo e não é religioso (LG 31) –, solicita aos leigos que cooperem com o apostolado da hierarquia (LG 33) e alarguem o seu âmbito espiritual através da recitação do Ofício Divino (SC 100). Embora quisessem fazer o bem, os Padres Conciliares acabaram ampliando um pouco mais a lacuna no povo de Deus e inventaram um leigo super-herói que se espera que seja muito praticante, muito engajado na sociedade, muito integrado em termos eclesiais e muito orante. A massa silenciosa e “normal” desliza cada vez mais para baixo da linha d’água de uma Igreja-iceberg, da qual apenas a ponta visível é considerada, tanto pelos sociólogos da época como pelos pastores, como verdadeiramente “Igreja”.

### *HORA DE FAZER UMA CRÍTICA RADICAL DESTA ABORDAGEM PASTORAL EM BUSCA DA EFICÁCIA CIENTÍFICA*

Uma primeira crítica diz respeito ao uso da noção de “perfeição evangélica” em vista de uma elitização da vida cristã. Se voltarmos ao Sermão da Montanha, ele começa com: “Jesus viu as multidões, subiu à montanha e sentou-se. Os discípulos se aproximaram, e Jesus começou a ensiná-los” (Mt 5, 1). Um imaginário eclesial sugere que este ensinamento diz respeito apenas aos discípulos e não à multidão que, portanto, não estaria preocupada com este apelo à perfeição ou à santidade, embora o epílogo em 7,28 diga: “Quando Jesus acabou de dizer estas palavras, as multidões ficaram admiradas com o seu ensinamento”. A história da Igreja

mostra que as multidões foram esquecidas ou desacreditadas e considera-se que estes conselhos foram dirigidos apenas aos discípulos.

Outra crítica diz respeito à problemática relação estabelecida entre o magistério e a fé, sugerindo que o magistério era capaz de decidir o que é uma fé verdadeira e uma falsa e fazer uma hierarquização segundo critérios estabelecidos pela sociologia. Mas a sociologia, por mais importante que seja, não faz teologia e não pretende fazer. É necessário, portanto, voltar à fonte para ver o que está acontecendo com a fé e a situação dos discípulos e de todos os outros que estavam ao redor de Jesus...

Por fim, a última crítica refere-se à tradição bíblica e às suas advertências contra as tentações que um poder pode ter para se comparar a Deus... É o caso do último pecado cometido pelo rei Davi, que exigiu que seu fiel conselheiro Joab, e contra o seu conselho, fizesse um recenseamento do seu povo. Tarde demais, Davi percebeu a gravidade desta ordem:

No entanto, Davi ficou preocupado por ter recenseado o povo, e disse a Javé: “Cometi um grande pecado! Agora, Javé, perdoa a maldade do teu servo, pois cometi uma grande loucura” (2Sm 24,10).

E este é o caso do poder civil. No Novo Testamento, o nascimento de Jesus situa-se durante um grande recenseamento, citado três vezes pelo Evangelho de Lucas (Lc 2, 1-2). Recensear o povo “de Deus” é, portanto, um gesto teológico que envolve a relação com o Criador de maneira altamente problemática.

## NO RASTRO DOS OUTROS COMPANHEIROS QUE “TAMBÉM TÊM A PRÁTICA” DE JESUS

Quando Jesus fala da sua própria missão, esta sempre está vinculada à vinda do Reino de Deus. É o anúncio desta Boa Nova que é o seu horizonte e é também para isto que chama alguns homens. O fim dos sinóticos Marcos e Lucas, assim como do Evangelho de João, são orientados para este testemunho da Boa Nova. Apenas o Evangelho de Mateus difere ao evocar o batismo e “fazer discípulos” (28,19): “Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus *discípulos*, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês”. Este fim tornou-se a regra pastoral, constantemente retomada pelos textos do magistério que falam da missão. Contudo, este “fazer discípulos” é mais problemático do que parece, e a história do cristianismo mostra como este tem sido capaz de desviar perigosamente da missão.<sup>7</sup> Ser discípulo parece ser o único caminho possível para um cristão. Mas um certo número de obras exegéticas mais recentes<sup>8</sup> e de intuições já mais antigas da pastoral do engendramento são sensíveis à diversidade das figuras dos crentes e demonstram que é impossível reduzir à figura dos discípulos e dos apóstolos todos *esses outros* que são os companheiros, amigos, simpatizantes, membros da família de Jesus, curados ou aliviados de seus fardos. De fato, são muitas as pessoas que entram em contato com Jesus de Nazaré sem serem por ele chamadas a segui-lo.

---

7 Eu gostaria de me referir aqui a: CHEVALIER, Valérie Le. “Faire” ou “appeler” des disciples? Matthieu l'évangéliste a choisi. *Lumen Vitae*, 2018/3, p. 245-254.

8 MALBON, E. Struthers. *En compagnie de Jésus. Les personnages dans l'évangile de Marc*, “Le livre et le rouleau”, 35. Bruxelas: Lessius, 2009.

O Nazareno está rodeado por uma nebulosa complexa e observa-se, pelos relatos evangélicos, que os discípulos lutam para assimilar esta pluralidade e esta mistura. Além disso, um dos aspectos importantes da aprendizagem apostólica a que ele os submete será resistir à tentação do grupo de discípulos de se colocar no centro – ou no topo – e procurar tomar o poder ou obstruir a aproximação entre as pessoas e Jesus.<sup>9</sup> Mas devemos admitir que depois de ter observado que Jesus envia todos aqueles que ele ressuscita e cura, podemos nos perguntar sobre o significado destes envios e, portanto, em última análise, do chamado a segui-lo.

### O QUE FAZER COM TODOS ESSES NÃO CHAMADOS?

São, portanto, muitos os que seguem Jesus sem nunca terem sido chamados de “discípulos” pelos autores dos Evangelhos: as mulheres, a multidão, os anônimos, os familiares e até os inimigos. Para a maioria Jesus diz: “Vai, a tua fé te salvou”. Mas de que fé ele está falando?

Em primeiro lugar, vemos que Jesus aprecia na atitude das pessoas que dele se aproximam uma confiança na vida que torna possível o encontro na verdade com ele. É o caso, por exemplo, das quatro pessoas que carregam o paralisado ou dos pais que intercedem pelo filho. Jesus atesta que a confiança que depositaram naqueles que lhes falaram sobre Jesus é a porta de entrada para a salvação. É graças a esta confiança tão humana que a Boa Nova se espalha. E quando Jesus disse “Vai, a tua fé te salvou”, atesta também que não fez outra coisa senão constatar esta confiança na vida,

<sup>9</sup> Eu gostaria de me referir a: CHEVALIER, Valérie Le. “Il était une fois soixante-douze tout petits disciples...”. *Christus*, n. 264, outubro de 2019, p. 78-82.

contemplá-la e nomeá-la. Ele é o mediador, a testemunha de uma ação de Deus difícil de ser percebida pelos nossos olhos, cegos e preconceituosos.

### *A PAIXÃO DE DEUS POR AQUELES QUE SE PERDERAM E ANDAM POR CAMINHOS TORTOS*

Jesus dá testemunho de um Deus-Pai que ama o transviado e os sem nome porque ele mesmo não tem nome: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3, 13.14a). Ele só sabe se definir a partir das relações humanas que tece na história dos homens: “Eu sou o Deus de seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó” (Ex 3, 6). Ao relativizar a figura que se tornou emblemática do discípulo ideal, podemos então fazer a consagração da vida cotidiana: ao enviá-los com autoridade, Jesus sela outra forma de caminho espiritual cujo lugar é a vida cotidiana e o meio é a vida sedentária. É aí, acreditamos, que a teologia pode encontrar um terreno fértil para a vocação dos leigos, isto é, daqueles que são chamados a seguir o Cristo Jesus no cotidiano da vida humana e a assumir toda a complexidade desta humanidade, inclusive na responsabilidade da procriação, da política e da economia.

### **PENSAR A TRANSFORMAÇÃO MISSIONÁRIA**

Portanto, é urgente rever seriamente a nossa forma de considerar estes crentes “*hors-pistes*”, iluminados como somos pela liberdade de Jesus, e considerar que a “fé que salva” não é nem subfé nem pré-fé ao chamado para ser discípulo. Em outras palavras, ser discípulo ou apóstolo não é uma qualidade e muito menos sinal de uma fé mais profunda. É uma responsabilidade que envolve uma decisão específica do serviço

do testemunho.

## RETORNAR AO BATISMO COM BASE NO DIREITO CANÔNICO

Voltando ao tempo presente, permanece o espinhoso problema do vocabulário da sociologia que muitas vezes continua pautando o nosso imaginário pastoral. O Código de Direito Canônico pode, portanto, ajudar-nos a recordar que nunca se trata de “praticante” ou de discípulo, mas de “fiéis”, o que diz respeito tanto ao clero como aos religiosos e aos leigos. Sim, o papa e os bispos também são fiéis pelo batismo que os tornou cristãos.

Fiéis são os que, incorporados a Cristo *pelo batismo*, foram constituídos como povo de Deus e assim, feitos participantes, *a seu modo*, do *múnus sacerdotal*, profético e régio de Cristo, são chamados a exercer, *segundo a condição própria de cada um*, a missão que Deus confiou para a Igreja [a missão de anunciar o Reino de Cristo e de Deus, estabelecê-lo em todos os povos e deste Reino constituiu na terra o germe e o início (LG 5)] cumprir no mundo (*Código de Direito Canônico*, 1983, cân. 204; grifo meu).

No entanto, esta categoria de “fiel” mudou de lugar apenas para os leigos. Na arquitetura imaginária da Igreja, os fiéis são a base do edifício, enquanto na realidade jurídica são a sua estrutura integral, o corpo de Cristo. A divisão entre estados de vida deveria ter reproduzido horizontalmente a nebulosa evangélica, mas a história decidiu outra coisa.

O Papa Francisco tentou mexer nesta invenção hierárquica reabilitando a piedade popular e mudando a imagem da Igreja: de esfera passa a ser concebida como

um poliedro, mas os padrões profundos ainda permanecem amplamente arraigados, mesmo com este papa. Ele ainda julga com muita severidade estas “culturas que devem ser evangelizadas de forma imperiosa”, quando trata dos “desafios da inculturação da fé” (na *Evangelii Gaudium*) e mantém o sacramento da Eucaristia como marcador moral (n. 68 e 69):

Toda cultura e todo grupo social necessitam de purificação e amadurecimento. No caso das culturas populares de povos católicos, podemos reconhecer algumas fragilidades que precisam ainda ser curadas pelo Evangelho: o machismo, o alcoolismo, a violência doméstica, uma escassa participação na Eucaristia, crenças fatalistas ou supersticiosas que levam a recorrer à bruxaria, etc.

*MOSTRAR-SE HOSPITALEIRO COM A FÉ DAQUELES A QUEM “JÁ NÃO DIZ MAIS NADA”*

**P**oderemos, portanto, ouvi-lo quando nos pede para não fazer da “alfândega pastoral” um oitavo sacramento, mas a taxa de prática continuará a ser um marcador difícil de superar. Então, o que fazer? Sem dúvida, deveríamos voltar às Escrituras para ver como o Deus da Bíblia e seu Filho caminham ao lado da humanidade. A sua pedagogia é a única que nos pode guiar. Entenderemos então, por exemplo, com a hemorroíssa que toca as vestes de Jesus, como as famílias desenvolvem estratégias astutas para obter ou mesmo rentabilizar o sepultamento religioso de uma pessoa falecida ou o batismo de uma criança. Eles são os herdeiros desse filho pródigo que volta para a casa do Pai e ninguém pode decidir por ele se ficarão ou não! Cabe a nós, os supostamente “bons” crentes, adotar a mesma perspectiva de Jesus e acreditar na ver-

dade destes pedidos, independentemente da falta de jeito da sua formulação. Portanto, em vez de lhes dar um sermão rápido, devemos imperiosamente adotar a hospitalidade gratuita de uma conversa e honrar essas pessoas que ousam quebrar o silêncio e correr o risco de receber um “não”.

### A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA FUNDAMENTAL PARA AVANÇAR

A “fé que salva” é uma fé plena e completa e o envio de Jesus para retornar ao comum da vida cotidiana é um apostolado no sentido pleno do termo. Mas o que também é importante salientar é a gratuidade de Jesus que não retém o que lhe é dado contemplar. Isso não é coisa que ele vá fazer.

Atualmente, não é possível considerar teologicamente a fé sem explorar os seus fundamentos antropológicos e bíblicos. Estes que chegam em quem Jesus reconhece uma “fé que salva” são a matriz contemporânea desta teologia. A sua “fé que salva” é a base antropológica fundamental sobre a qual uma fé atestada ou crística poderia, possivelmente, ser enxertada.<sup>10</sup> A eventualidade dependerá das mediações eclesiais que cruzarem o caminho destes que chegam. A sua fé passará, portanto, de “segunda mão” (confio como o paralítico na confiança destes padioleiros que me levam a Jesus) para uma fé de primeira mão (acredito pessoalmente Naquele que encontrei). Agora posso testemunhá-lo por mim mesmo.

O enxerto na fé que salva não produz necessariamente a mesma variedade de frutos e não pode ser re-

10 SEQUERI, P. L'idée de la foi. *Traité de théologie fondamentale, Theologia*. Paris: Bayard, 2011.

duzido a uma prática cultural nem apenas ao repertório de mediações eclesiais (família praticante, sacerdotes, equipe catecumenal, etc.). Devemos contar com muitos outros intermediários, como as culturas, as artes, as outras tradições religiosas, a Criação... que agem misteriosamente.

## CONCLUINDO: POR UMA ECLESIOLOGIA INCLUSIVA

**E**stes fiéis que se afastaram da comunidade muitas vezes nos incomodam. Eles nos mostram o quanto o testemunho da Boa Nova nos escapa, mas devemos também admitir que são uma ofensa à minoria que resta, uma cadeira vazia que estraga a festa. É possível compartilhar esse sofrimento, dizer ao outro que sentimos a falta dele e que sua ausência dói, simplesmente porque ele não está, sem justificar outro motivo que não seja o fato de desejarmos sua presença? Não é isso o amor? Porém, é preciso amar muito para não ter mais nada a perder e ousar dizer o que não está bem. Este é o significado desta passagem da homilia do Papa Francisco:<sup>11</sup>

No Evangelho é bonito aquele trecho que nos fala do pastor que, quando volta ao redil, se dá conta de que falta uma ovelha, deixa as 99 e vai procurá-la, vão procurar uma. Mas, irmãos e irmãs, nós temos uma; faltam-nos 99! Devemos sair, devemos ir ter com elas! Nesta cultura – digamos a verdade – temos só uma, somos minoria! E nós sentimos o fervor, o zelo apostólico de sair e ir ao encontro das outras 99? Esta é uma responsabilidade grande, e devemos pedir ao Senhor a graça da generosidade e a coragem e a paciência para sair, para ir anunciar o Evangelho. Ah, isto é

<sup>11</sup> Citação do discurso do Papa Francisco aos participantes do congresso eclesial da diocese de Roma. Disponível em: <https://tinyurl.com/v4akwn3p>

difícil. É mais fácil ficar em casa, com aquela única ovelha! É mais fácil com aquela ovelha, penteá-la, acariciá-la... mas nós sacerdotes, também vocês cristãos, todos: o Senhor quer-nos pastores, não penteadores de ovelhas; pastores! E quando uma comunidade é fechada, sempre com as mesmas pessoas que falam, esta comunidade não é uma comunidade que dá a vida. É uma comunidade estéril, não é fecunda. A fecundidade do Evangelho vem pela graça de Jesus Cristo, mas através de nós, da nossa pregação, da nossa coragem, da nossa paciência.

Estes batizados, porque são batizados, devem ser recebidos como uma forma de gênese eclesial, num processo de disseminação. Eles são esta diáspora sobre cujos contornos e vitalidade não temos controle. Mas será que acreditamos que Jesus de Nazaré realmente anunciou um Reino em que todos teriam o mesmo valor humano, a mesma dignidade? Seremos capazes de pensar a Igreja em *e* em vez de em *ou*...?

Multidão *e* companheiros *e* discípulos *e* apóstolos...

Ser chamado por Jesus *e* ser enviado para casa por Ele...

Judeu *e* grego, escravo *e* homem livre, homem *e* mulher...

Padres *e* religiosos *e* leigos...

Fé que salva *e* fé que atesta...

Praticantes *e* não praticantes ou pouco praticantes.

# Valérie Le Chevalier



**V**alérie Le Chevalier. Teóloga, diretora do ciclo Acredite e Compreenda (Liberdade, Fundamental, Laudato Si’) no Centre Sèvres e Secretária editorial da Pesquisa em Ciência Religiosa. Destacamos o seu último livro: *Ces fidèles qui ne pratiquent pas assez...Quelle place dans l’Eglise ?* (Lessius, 2017).

## ENTREVISTAS COM VALÉRIE LE CHEVALIER REPRODUZIDAS PELO IHU

- [Não apenas missa e paróquia. Entrevista com Valérie Le Chevalier](#)

## EVENTOS REALIZADOS PELO IHU COM VALÉRIE LE CHEVALIER

- [Opção Francisco. A Igreja e a mudança epocal](#)



# CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior



- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis – ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti

 UNISINOS